

Nem o governo sabe

Quase impossível imaginar como o país amanhecerá a cada novo dia. Quem disser que sabe, estará mentindo. Desde a semana passada, os brasileiros vivem a expectativa de mudanças radicais na economia. O que não ia muito bem, ganhou contornos ainda mais preocupantes.

Estão todos, devedores e credores, obrigados a refazer as contas e adiar projetos. Com estonteante velocidade, a gangorra da economia tem levado os brasileiros a picos de euforia — como aconteceu na sexta-feira, quando o mercado limitou o câmbio flutuante em R\$ 1,50.

Ou a momentos de angústia e depressão, com quedas vertiginosas das bolsas ou subida do dólar, passando de R\$ 1,60. Caberia ao governo explicar, dar o rumo, dizer qual o tom, acalmar o mercado interno. Mas nem o presidente, nem seus ministros, nem assessores graduados cravam hoje um palpite no futuro do país.

Todos torcem. Enquanto o mercado externo — especialmente os credores, que não são poucos — ditam as regras, contribuintes de todos os gêneros, classes e credos rezam para que o Brasil reaja. E que o mun-

do não acabe, pelo menos dessa vez.

Fernando Henrique e sua equipe econômica fizeram trincheira numa política fadada ao fracasso. Muitos alertaram. Dentro do governo, ministros como José Serra cansaram de avisar. Fora do governo, políticos e empresários foram repetitivos ao disparar alarmes em direção aos economistas oficiais.

O governo insistiu, teimou e agora faz o que menos interessa: tenta identificar os responsáveis por seus sucessivos erros. A culpa que já foi do chuchu e do quiabo comunista — bodes expiatórios no fim dos anos 70, quando a inflação atingiu índices preocupantes — agora é dos políticos que não ajudam o presidente em sua administração.

Estamos entre Itamar Franco e os parlamentares que não aprovaram a cobrança de contribuição dos servidores públicos inativos. Assessores do presidente apontam o governador de Minas Gerais como a causa da guinada de 360 graus na política econômica do governo.

Mas Itamar, pelo jeito, apenas acionou a bomba. O economista norte-americano Rudiger Dornbusch, crítico feroz do governo

Fernando Henrique, acha que o presidente errou cumulativamente. Há quem concorde, e quem disconcorde de Dornbusch.

De uma forma ou de outra, o melhor é jogar para o futuro. Amanhã, a Câmara apreciará, pela quinta vez, o projeto que estabelece cobrança da contribuição previdenciária dos servidores inativos. Em dezembro último, o governo perdeu, caracterizando, para nossos credores, falta de comando político.

Por isso, a aprovação do projeto é questão de honra. E está afiada das coisas que o governo sabe: a derrota representou R\$ 4,8 bilhões a menos no esforço fiscal de R\$ 28 bilhões. Essa economia é o principal compromisso assumido pelo governo com o Fundo Monetário Internacional.

Na defesa da Medida Provisória, que vai taxar milhares de aposentados livres da contribuição, Fernando Henrique garante que a providência será a salvação da lavoura. Depois dela, os juros vão cair, as ofertas de emprego vão crescer, os programas sociais receberão mais recursos. Quem sabe, decrete também o fim dessa insuportável ciclotimia?